

EM BUSCA DE UM NOVO HOMEM: O INTERCULTURALISMO ESTÉTICO-ARTÍSTICO E A DESCOLONIZAÇÃO NA VISÃO DE VILÉM FLUSSER*

IN SEARCH OF A NEW MAN: AESTHETIC-ARTISTIC INTERCULTURALISM AND DECOLONIZATION IN THE VIEW OF VILÉM FLUSSER

Reygson Max Parreiras**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor um debate filosófico entre o tema intercultural estético-artístico e a descolonização. Para isso, as principais referências de estudo são as obras *Fenomenologia do brasileiro*, *Pós-história* e *Língua e realidade*, do filósofo Vilém Flusser (1920-1991). O filósofo e profeta tcheco-brasileiro nos ajuda a pensar a construção do novo homem frente à realidade como um problema concreto. A construção de um novo homem seria em parte coletiva e, também, um elemento emancipatório. Tendo como transformação filosófica o interculturalismo estético-artístico e a descolonização, e como exemplo de ancestralidade e autenticidade o congado mineiro, o maracatu e o frevo de Pernambuco, o carimbó do Pará, o boi-bumbá e as cirandas amazonenses, bem como as festas andinas dos Incas no Peru e o *Sambo Caporales* na Bolívia, propõe-se aos leitores a reflexão também sobre a cultura latino-americana e os povos originários ancestrais, e sobre a fragmentação sob os aparelhos de manipulação de massa, junto de uma cultura de elite igual às demais partes do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: interculturalismo; estético-artístico; descolonização; Vilém Flusser.

ABSTRACT

The objective of this work is to propose a philosophical debate between the aesthetic-artistic theme and decolonization. For this, the main study references of the philosopher Vilém Flusser (1920-1991) are the works *Phenomenology of the Brazilian*, *Post-History* and *Language and Reality*. The Czech-Brazilian philosopher and prophet helps us to think about the construction of the new man in the face of reality as a concrete problem. The construction of a new man would be partly collective and also an emancipatory element. Taking as an example the philosophical transformation of artistic-interculturalism and decolonization, and as an ancestry, the aesthetic the congado from Minas Gerais and the frevo from Pernambuco, the carimbó from Pará, the boi-bumbá and the Amazonian cirandas, as well as the Andean festivals of the Incas in Peru and *Sambo Caporales* in Bolivia. Based on references, I also propose to listeners to reflect on the Latin American culture of the indigenous peoples of the ancestral world, and all the western mass manipulation devices, along with an elite culture at the origins of the world.

KEYWORDS: interculturalism; aesthetic-artistic; decolonization; Vilém Flusser.

* Comunicação recebida em 16/07/2023 e aprovada para publicação em 12/11/2023.

** Mestrando em Filosofia da arte pela UFOP. Graduado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: reygson@gmail.com

Vilém Flusser nasceu em 1920, em uma família judia na Tchecoslováquia, e estudou filosofia fenomenológica e existencialista, manifestando grande interesse pela Teoria da Comunicação. Ele viveu o terror da perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial e fugiu para o Brasil em 1941, onde se tornou jornalista e escritor na língua portuguesa, o que possibilita o estudo de seu pensamento filosófico no idioma em que foi escrito como uma oportunidade valiosa aos interesses acadêmicos. Faleceu em 1991, deixando importantes obras que propiciam embasar relevantes estudos na linguagem. Por isso, é importante investigar, nos textos de Flusser, como se dá (ou o que impede) a relação intercultural na América Latina, para identificar a melhor maneira de promover uma instrução filosófica comprometida com o estímulo ao respeito cultural mútuo e o fim dos mais diversos preconceitos. Portanto, esta pesquisa deve considerar como ocorre o interculturalismo da arte afro-brasileira e os povos originários ancestrais, como expressão da cultura popular na cultura de massa dominada pela estética dominante (de quem detém o poder econômico, político e ideológico), responsável pelas definições e limitações dos seres humanos na sociedade atual.

Interculturalismo (Laraia, 2001) é o processo pelo qual a cultura de uma etnia ou grupo minoritário se integra em uma sociedade culturalmente diferente, buscando participar na construção da identidade cultural dessa sociedade em pé de igualdade, em termos de liberdade de expressão, de forma a enriquecê-la por meio de diálogos culturais baseados em respeito mútuo. Ou seja, interculturalismo é o convívio dinâmico de culturas distintas que se influenciam mutuamente, da maneira mais pacífica possível, para que todos os grupos em interação sejam beneficiados na troca de conhecimentos. No entanto, isso nem sempre encontra a disposição ao respeito, ao diálogo, à igualdade de oportunidades na exposição do saber que merece e, ao contrário do que deseja, acaba fomentando o preconceito e a exclusão daquela que traz o elemento cultural diferente. A interculturalidade é uma noção filosófica que se distingue do multiculturalismo ou pluralismo cultural, porque tem como propósito não somente a existência de diferentes culturas em uma sociedade, mas a integração de grupos culturais diversos em uma mesma sociedade, sob os mesmos direitos, apesar dos obstáculos da comunicação ou sua ausência. Esse propósito se torna relevante diante do fato de a construção cultural de um povo ser um processo contínuo de transformação que funde culturas que apresentam valores e comportamentos distintos para modificar a cultura vigente. “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (Laraia, 2001, p. 39).

No contexto da interculturalidade na era contemporânea do século XX, denominada por Flusser (1983) de “Pós-história”, cuja obra tem o mesmo nome, o principal meio propulsor da integração cultural é o mundo da linguagem visual automatizada, ancorado na tecnologia da comunicação virtual que promove a globalização por meio da massificação das expressões artísticas. Vilém Flusser (1920-1991) foi o filósofo que primeiro entendeu a arte como campo de liberdade da comunicação e da expressão cultural. Com a criação da escrita, nasce a história. Nossas imagens nascem no período da pré-história. Para orientar o mundo, a arte introduz um desafio quase insuportável aos aparelhos de manipulação de massa, pois atinge a raiz típica da inconsciência. Flusser analisa a comunicação, a cultura e a arte como artifícios humanos que dão sentido à vida e manipulam o ambiente onde se vive. O primeiro que criticou a criação artística por meio artificial. Na obra *Língua e realidade*, Flusser (2012) explica de que forma a língua, como elemento cultural de um grupo humano, cria o mundo das representações para esse grupo e, portanto, cabe dizer que não existe realidade fora da criação linguística de cada grupo, pois a língua é também o meio pelo qual esse grupo expressa e comunica sua cultura entre si e com outros grupos. Nessa obra flusseriana, língua e imagem são dimensões da realidade que armazenam informações e geram a cultura, que indica a forma como objetos, comportamentos e valores são criados, usados e podem ser transmitidos e modificados com liberdade em uma sociedade e com outras. Ele considera a mídia como a força artificial que rouba a liberdade humana para a criação, transmissão e modificação da cultura autêntica, pois a torna um produto de consumo rápido e, conseqüentemente, um “lixo” a ser descartado; mas um lixo que é capaz de gerar cada vez mais lixo cultural, muito pouco integrado, condenando o sentido da vida humana. Diante disso, surge a problemática a ser desenvolvida: qual a importância do conceito de um novo homem, no qual o interculturalismo estético-artístico se confronta com os princípios de descolonização com os povos originários ancestrais e com as influências geopolíticas de colonizações ocidentais, as quais o filósofo de Vilém Flusser viveu no Brasil após sua fuga da Segunda Guerra Mundial provocada pelos nazistas?

A colonização europeia é responsável pela defasagem da cultura dos povos originários ancestrais, pois para Flusser ‘é falso chamar primitivos’ de miseráveis; os indígenas brasileiros não são miseráveis (a não ser que passem a se civilizar), embora os indígenas vivam em carência maior do que a população cabocla, esta sim, miserável (Flusser, 1998, p. 118).

Na obra *Filosofia da linguagem*, Flusser (1965) aponta que o acelerado processo de codificação por imagens, que supervaloriza mensagens não escritas, decreta a decadência do alfabeto e põe fim à história, pois distancia a linguagem da consciência cronológica que deve produzir na comunicação dos valores socioculturais. Na obra sobre a literatura e o senso de realidade, Flusser (2002) coloca a supervalorização das imagens criadas pelo próprio ser humano como instrumentos de orientação das ações humanas no mundo, citando o exemplo da idolatria, que indica o primeiro domínio da imagem sobre o homem por meio do poder político-religioso. Segundo explica Flusser (2007) na obra *O mundo codificado*: por uma filosofia do design e da comunicação, a linguagem empregada na comunicação pós-histórica tornou o mundo codificado, de tal modo que, se antes as imagens eram fruto da produção artística e, para entendê-las, bastava a imaginação, agora são fruto da gula tecnológica consumista, e para entendê-las é preciso contexto e conhecimento técnico. Nesse mundo codificado, a cultura de massa e o senso comum criam imagens ilusórias de valores descartáveis por meio de linguagem simplória e popular, no sentido de ser encarada com aprovação ou afeto pelo público em geral.

A filosofia intercultural (Laraia, 2001) tem o papel de empenhar esforços instrucionais na busca de uma consciência sociocultural humanista comprometida com o distanciamento dos preconceitos na construção de uma sociedade que enxergue a descolonização capaz de produzir e compreender manifestações e práticas artísticas como fenômenos culturais desvinculados da cultura de massa. Para tanto (Laraia, 2001), a antropologia busca conhecer esses fenômenos culturais como eles se apresentam na consciência humana, tendo como proposta investigativa o próprio fenômeno em si. “A cultura também é capaz de provocar curas de doenças, reais e imaginárias. Estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais” (Laraia, 2001, p. 77).

Nesse contexto, de acordo com Flusser (1998) na obra *A fenomenologia do brasileiro*, é importante compreender que a articulação da liberdade humana é fundamental no processo dignificante da reestruturação social como fenômeno manifestado na experiência de restauro da consciência coletiva acerca do valor da produção artístico-cultural nacional popular mais simples e genuína.

A antropologia (Laraia, 2001), por sua vez, inerente à transformação cultural como instrumento de transformação social, pressuposta no interculturalismo, se processa nas relações entre os questionamentos humanos e a capacidade cognitiva dos indivíduos na evolução antropológica. Isso implica que a Filosofia da Arte e da Estética precisa avançar em

seus estudos sobre o lugar da beleza e a importância da preservação e da valorização da autenticidade cultural, além da questão histórica das relações culturais no interesse da reflexão a respeito do sentido de ser indivíduo social e do que torna possível a interação entre as múltiplas existências culturais na contemporaneidade. “A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (Laraia, 2001, p. 80).

No processo de conscientização sociocultural humanista pela expressão artística brasileira e da América Latina, os fatores biológicos, geográficos e econômicos não podem definir o ser humano e o pertencimento do indivíduo na construção e desconstrução da cultura, do conhecimento e da própria arte. A arte é um órgão sensorial da cultura. Sem fonte de informação nova, a cultura cairia numa antropia (ação do ser humano sobre o meio ambiente). A arte é um dos poucos meios que faz chegar informações ao novo. A arte impede os seres humanos de serem robôs. A instrução ou esclarecimento sobre as práticas e manifestações artísticas é o dever cultural da sociedade diante do poder da tecnologia que escraviza a mente humana por meio do enorme bombardeio diário de informação e desinformação. Grande parte da população, infelizmente, não tem um psiquismo suficientemente robusto para confrontar e plenamente compreender a dialética ideológica que manipula o mundo. Flusser (1998) discorre sobre o Brasil que, bem como seus países vizinhos, é um país rendido à globalização e, portanto, dominado pela linguagem do poder (econômico e político-ideológico), que cria as ambiguidades características das definições e limitações dos próprios seres humanos em sociedade, e que também determina a forma de conduzi-la como o rebanho e limitar suas queixas. Mas a perspectiva desse autor, ao propor o conceito de linguagem como detentora do poder de julgamento, tem, ao mesmo tempo, a inferência ao seu poder de trazer consciência por meio da força de resistência da cultura artística popular.

A complexidade da expressão poética filosófica surge na impossibilidade do uso estético e artístico de uma linguagem que busque descolonizar. É preciso que a Europa paralise para que a América viva?

Como hábitos e costumes, a singularidade e a organização social constituem o direito do indivíduo para viver, pensar, agir, crer e se relacionar, mas são também um dever e um patrimônio cultural dos povos originários ancestrais primários. A influência do pluralismo de ideias no desenvolvimento da humanidade tem papel chave na abertura de espaço para as reflexões sobre as barreiras decorrentes dos preconceitos contra as culturas de diversos países

da América Latina e suas manifestações artísticas. Nesse sentido, a instrução filosófica deve possibilitar a construção das necessárias pontes que permitem mostrar o interculturalismo como forma de ver e de respeitar as diferenças. A importância dessa tarefa filosófica, nesse aspecto instrucional sobre o valor da arte como uma linguagem transformadora, é impedir que o interculturalismo seja também usado como linguagem de dominação dos povos ao sobrepujar suas tradições culturais mais autênticas e genuínas.

Atualmente, é fácil encontrar nas grandes metrópoles brasileiras artistas de diversas partes do Brasil e do mundo com suas expressões culturais. Muitos, inclusive, pelas ruas, sendo marginalizados, como consequência da desigualdade social ou da massificação cultural, promovida por interesses mercadológicos do mundo globalizado. Mas, também, há interesses da globalização na massificação intercultural que não podem ser ignorados. Nesse contexto é que a denominada “cultura de massa” cria estruturas de alienação social, capazes de transformar a expressão artística em produto a ser ou não comercializado, mas consumido dentro de determinado padrão estético. Tudo isso distancia, por exemplo, a arte regional brasileira de todo o pluralismo artístico de países vizinhos na América Latina e do grande público nacional e internacional. Dessa forma, festas como o congado mineiro, o maracatu e frevo de Pernambuco, ou ainda o carimbó do Pará, o boi-bumbá e as cirandas amazonenses, bem como festas andinas dos incas, no Peru, e o Sambos Caporales, em Cochabamba, na Bolívia – que é uma dança afro-boliviana semelhante às cirandas de Manacapuru – e tantas outras não sejam popularmente conhecidas como riquezas da cultura humana.

A influência cultural artística local tem como objetivo a aproximação social. Entretanto, as pessoas expressam conceitos de valor pelo que foi criado no eixo da historicidade das relações socioculturais. Assim, esses conceitos recaem sobre as expressões artísticas de forma positiva ou negativa, gerando, de um lado, os “artistas famosos” e, de outro, os artistas excluídos; sejam eles brasileiros ou imigrantes que queiram se estabelecer no Brasil em busca de uma melhor qualidade de vida. Essas pessoas são ignoradas pelos padrões estéticos exigidos pela cultura de massa nas rádios, TVs e plataformas digitais, tornando-se vítimas de extremo preconceito e opressão sociopolítica e ideológica.

Para Flusser, a cultura afro-brasileira tem importância fundamental na autenticidade. Segundo o filósofo tcheco-brasileiro:

Os negros chegaram aqui de mãos vazias, isto é: sem modelos e sem a possibilidade de aprender técnicas de fazer modelos. Chegaram apenas munidos de sua identidade cultural e da memória dos modelos. No novo ambiente, degradados a serem objetos,

as obras culturais não teriam função, já que a vida não tinha sentido, e já que o ambiente tinha sentido imposto sobre ele por outro. Havia, no entanto, a seguinte possibilidade: conservar a tradição cultural por gestos estruturados (na dança, por exemplo) e pela música, e dar portanto sentido à vida em terrenos limitados. E elaborar rapidamente modelos e de fácil construção (tais como instrumentos musicais), antes que a memória falhasse. Este aspecto tornou-se decisivo para a cultura brasileira (Flusser, 1998, p. 135).

Em face disso, o estudo sobre descolonizar a arte no contexto da estética, tendo como base filosófica os pensamentos de Flusser, se justifica porque busca encontrar caminhos para aproximar os interlocutores das expressões artísticas; ou seja, as pessoas que participam do processo de interação que se dá por meio das múltiplas culturas pelas diversas manifestações artísticas populares no Brasil e na América Latina. Aproximação esta que precisa ser feita por meio de debates amplos e abertos, nos quais o uso da descolonização intercultural artística permita aos sentidos humanos sublimar as fronteiras da alienação sociocultural, promovida tanto pela historicidade político-ideológica quanto pelos meios de comunicação de massa, para perceber as denúncias sociais sobre os abusos de poder presentes nas expressões artísticas, principalmente dos excluídos.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. A língua cria realidade. *In*: FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 131-185.

FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da linguagem**. São Paulo: ITA - Departamento de Humanidades, 1965.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2012.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 30-53-80.